

PAULO MARQUES

15
PORTUGUESES
ILUSTRES

Introdução

Durante largos meses vivi fascinado por estes homens e mulheres que, por terem inscrito o seu nome na História, se distinguiram da maioria dos comuns mortais. Alguns, reconhecidos em vida pelo seu mérito, outros incompreendidos, injustiçados, marginalizados, todos, porém, notabilizando-se por deixarem a marca distintiva da originalidade.

Durante esse tempo senti-me o «Sr. José», o personagem solitário de *Todos os Nomes*, criado por Saramago, que, no arquivo do Registo Civil onde trabalhava, colecionava nomes e vidas, organizando vastos *dossiers* de gente célebre, como forma de sair do mundo rotineiro e triste que era o seu, até se fixar, obsessivamente, na biografia de uma mulher anónima como ele. Inicia a busca do outro, que não é senão a de si próprio. A ansiedade de dar um sentido à própria existência. Uma forma de colorir a sua própria vida.

Cresci um pouco mais com as virtudes e vulnerabilidades dos biografados, aceitando o desafio de aprender com os seus erros e procurando evoluir através do testemunho que nos legaram. Ciente de que não há luz sem sombra, e quanto maior a luz, maior a sombra, como escreveu o Professor Agostinho da Silva: «Deus brilha no reverso das medalhas exatamente como no anverso», pois sendo humanos somos capazes de toda a excelência e de todo o abismo.

Agostinho da Silva, também ele, terá confessado o objetivo das inúmeras biografias que escreveu de grandes vultos da História: «Eu quis, acima de tudo, dar evidência à feição combativa e vitoriosa de certas vidas. Mostrar ao Homem de hoje, que vacila ou que procura orientação, as diretrizes de alguns dos seus predecessores. Transmitir ao inseguro a

confiança e as linhas de experiência dos outros», porém, como proposta, como matéria de reflexão, nunca como modelo de comportamento imposto.

A minha vida não teve, não tem e não terá certamente a grandiosidade e a projeção da vida destas pessoas. Deste modo, durante o tempo de realização deste trabalho, iludindo as impossibilidades da razão, vivi através das suas vidas tudo aquilo que a imaginação me permitiu. Quando estamos perto dos deuses, sentimo-nos deuses também.

Precisamos urgentemente de preservar a memória dos nossos deuses, não só por uma questão de justiça, mas porque deles se alimenta o nosso imaginário e se entusiasma o nosso viver por semelhança. Afinal, mais ampliados ou mais reduzidos, não somos todos espelhos uns dos outros?

Como diria Natália Correia: «Porque a vida não é só isso que se vê. É muito mais!... Não jurarei que qualquer deus exista. Só sei que é grosseiro viver sem deuses. Porque mais importante que os deuses existirem é acreditarmos neles.»

Hoje, vivemos um tempo em que os *media* promovem e tornam públicas, muitas vezes, personalidades de interesse mediático e sensacionalista e não aqueles que, com o seu trabalho, dão importantes contributos ao Mundo e se distinguem inovadora e criativamente em determinadas áreas. Alienando as massas, criando equívocos, substituindo o essencial pelo acessório, promovendo a mediocridade das vedetas temporárias com «pés de barro», que jamais ficarão para a História dada a sua falta de conteúdo, mas com as quais se pretendem criar *histórias*, que incorrem no perigo de modelar as novas gerações.

Impõe-se clarificar que não é objetivo deste trabalho explorar exaustivamente a vida e obra das personalidades aqui apresentadas. Pretende-se, em traços gerais e de um modo sintético, dar a conhecer ao leitor o seu percurso, focando-se um ou outro aspeto menos explorado das suas vidas.

Procurei, propositadamente, incluir neste trabalho algumas figuras que ficaram em segundo plano, votadas ao esquecimento, outras sobre as quais paira uma certa inexatidão, ou cuja herança não é suficientemente conhecida, de modo a despertar em mim a vontade de lhes dar maior projeção. Quis também possibilitar ao leitor um conhecimento mais aprofundado desses protagonistas da nossa História, cuja memóriaurgia resgatar, porque não há futuro sem presente, mas também não há presente sem passado... Entusiasmava-me, igualmente, escrever sobre aqueles mais famosos de quem sabemos dois ou três lugares-comuns e, na nossa elevada cátedra de tomarmos a parte pelo todo, julgamos saber tudo.

Esta é também uma «viagem» histórica, social, cultural e política ao longo de todo o século xx, levando-nos à descoberta destas quinze grandes personalidades portuguesas. A razão pela qual optei por biografar apenas figuras nacionais está longe de qualquer espécie de patriotismo bacoco. A opção, consciente, deve-se ao facto de o país estar bem carente de exaltação da autoestima nacional, não podendo esta circunscrever-se à subjetividade do futebol ou de outros fenómenos efémeros afins, devendo antes suportar-se naquilo que o país tem de maior capital: o génio e a alma das suas gentes.

Na realização deste trabalho, tentei atribuir uma sequência lógica por categorias (artes, cultura, política...) de modo a dar uma certa coerência à edição e a facilitar porventura a análise do leitor. Porém, tal pretensão revelou-se impossível. A riqueza e multiplicidade de áreas de influência dos biografados não permitem torná-los estanques.

Na realidade, não houve nenhum outro critério na seleção destas personalidades do século xx senão o facto de serem homens e mulheres que, como dizia Camões, *da lei da morte se vão libertando*, pela enorme contribuição que tiveram na História do nosso país, da Monarquia à República, do Estado Novo à Democracia.

Importa ainda referir que procurei recolher e tratar a informação disponível, em suporte de papel, audiovisual e na internet com o maior rigor possível. Perante informação dúbia, contraditória, ou mesmo na sua ausência, optei por não incorrer no risco de ficcionar, mantendo como regras fundamentais: a exatidão e autenticidade da informação, a isenção relativamente ao biografado, e tendo sempre presente a noção da subjetividade da análise.

Tenho plena consciência de que não se pode nunca dar a conhecer na plenitude a vida de alguém reduzindo-a ao exercício de escrita a que se dá o nome de biografia. Porém, se até Sigmund Freud, que dizia ser a verdade biográfica não acessível ao ser humano, não resistiu a escrever uma das mais famosas biografias do presidente Woodrow Wilson dos EUA, como poderia eu contrariar essa vontade? Além disso, dada a ausência de tradição biográfica em Portugal, ao contrário dos países anglo-saxónicos, e tendo nós tão elevado número de ilustres personalidades da cultura, das artes e da política, como poderia eu ignorar este potencial?

PAULO MARQUES

Amália Rodrigues: A voz de Portugal

(1920-1999)



© EPA

Sou filha das ervas

Era o tempo das cerejas, entre maio e julho. Em casa dos avós maternos, no rés do chão do n.º 2 do Pátio dos Santos, na freguesia da Pena, em Lisboa, no ano de 1920, nascia Amália da Piedade Rodrigues, filha de Albertino de Jesus Rodrigues e de Lucinda da Piedade Rebordão.

O dia do seu nascimento permanecerá para sempre uma incógnita: tantos eram os filhos, que a família não assinalou o evento. Embora no assento do Registo Civil figure o dia 23 de julho, Amália adotará o dia 1 daquele mês.

As origens da família Rebordão Rodrigues remontam à Beira Baixa. Uma família pobre e numerosa que das faldas da Serra da Gardunha arriscou a sua sorte na capital. O pai era seleiro, sapateiro e músico (tocava cornetim), e a mãe tinha uma excelente voz, tendo chegado a cantar como solista na Igreja do Fundão.

Defraudadas as expectativas, voltaram todos para o Fundão, exceto Amália, que aos catorze meses foi entregue aos cuidados da avó Ana do Rosário, por quem foi criada até aos catorze anos. Recebeu pouco carinho e raras demonstrações de ternura, sendo educada segundo rígidos princípios morais, nos códigos do catolicismo: «Não me deu sovas com cordas ou cintos, mas foi sempre muito severa.»

Quinta filha de uma prole de nove irmãos (cinco raparigas e quatro rapazes), Amália teve uma infância pobre e triste passada nos bairros de feição operária e industrial junto ao Tejo, nas diversas casas em que foi vivendo com os avós, já que as mudanças de domicílio eram uma constante.

Não teve brinquedos nem vestidos bonitos, mas nem por isso deixou de sonhar... Apesar de ser muito tímida, queria ser bailarina e gostava de ter enveredado pela psicologia, tal a necessidade que sentia de melhor compreender os outros. Porém, ser artista era o seu grande desejo.

Entrei na vida a cantar

A menina cantava tudo o que ouvia, indiscriminadamente: as cantigas de roda das crianças, as que os ceguinhos tristemente entoavam pelas ruas de Lisboa, os tangos de Carlos Gardel que ouvia nas fitas, as canções tradicionais da Beira Baixa que ouvia da mãe e das tias, as marchas populares...

Sentado à janela, o avô Rebordão, exímio narrador de histórias, orgulhoso da neta, contava as pessoas que se detinham para a ouvir: «Canta essa, canta essa que já pararam mais seis.» Amália aparecia ao pé da avó com os bolsos do bibe cheios de rebuçados e moedas, oferecidos pelas vizinhas que gostavam de a ouvir cantar.

O fado não foi uma escolha, «estava ao pé da porta», entrava-lhe pelos ouvidos dentro na voz das grandes intérpretes da época, a Berta Cardoso, a Ercília Costa, a Maria Alice e outras. A escolha da vida de cantadeira atribuiu-a sempre ao acaso e à força das circunstâncias. Como se estivesse escrito no seu destino: «Sou fadista porque quiseram que eu o fosse, porque mo deixaram ser, ou talvez porque não permitiram que eu fosse outra coisa. [...] A minha vida não fui eu que a fiz, fizeram-ma.»

Faz-me pena

Um dia, encontrando uma rapariga ainda mais pobre do que ela, dá-lhe o vestido que traz por baixo da bata da escola. A história terminou com uns pares de tabefes da avó: «Olha a fidalga, a dar vestidos!»

Menina que sabe ler

Tinha quase nove anos quando começou a frequentar a escola primária da Tapada da Ajuda. Em virtude da sua excelente memória e do facto de aprender as lições de ouvido, obteve bons resultados escolares, sendo apelidada de «sabichona» pelos colegas. Adorava a escola onde o tempo

era dela e da sua fantasia. Ali não tinha de trabalhar duramente como em casa. Foi, curiosamente, numa festa escolar que Amália cantou pela primeira vez para uma audiência.

A professora, pressentindo nela uma intuição excepcional, tratava-a com muita afetividade e Amália retribuía com flores que apanhava no caminho. Porém, feito o exame de instrução primária, foi obrigada a abandonar a escola para não mais voltar. Estava na hora de aprender um ofício que lhe assegurasse o sustento.

Desempenhou vários trabalhos humildes. Foi bordadeira, engomadeira, aprendiz de costureira de alfaiate, trabalhou numa fábrica de doces e vendeu fruta e *souvenirs* com a mãe e as irmãs no cais da Rocha, em Alcântara.

Apesar de provir de uma família extremamente pobre do bairro operário de Alcântara, nunca lamentou a sua pobreza, aceitando-a com naturalidade, conformada com a sua situação: «... nunca nos revoltámos com a vida. Com certeza que havia pessoas diferentes de nós, senão não havia revoluções. Mas nunca ouvi sequer falar dessas coisas. Os privilegiados é que falam dessas coisas, não são os pobres. E, no fundo, entre os pobres também há diferenças de classe. Éramos gente à margem.»

Amália sempre detestou vulgaridades e ordinarices, intrigas e invejas. Apesar das origens humildes era muito delicada, muito pudica, tratando todos com grande deferência.

A irmã Celeste

Enfrentando a oposição da avó, aos catorze anos Amália foi morar com os pais e os irmãos, que regressaram a Lisboa. Também nessa casa se sentiu mal amada, vista como uma intrusa, sentindo dificuldade em integrar-se num local onde reinava a barafunda, onde chegava a chover e o dinheiro escasseava.

Será pela irmã Celeste que sentirá maior afinidade e por isso maior afeto. Um dia, levadas pela fantasia dos filmes que viam nos cinemas de *reprise*, em Alcântara, Amália e Celeste, cúmplices de muitas vivências comuns, resolveram fugir clandestinas num barco, vestidas de homem para ninguém se meter com elas. Pensavam emigrar para os locais de sonho do ecrã. A aventura durou meia hora.

Nasce «uma nova esperança do fado»

Conhecida por interpretar as mais diversas canções com uma voz límpida, sonora e agradável, com um timbre especial, em 1935, aos quinze anos, por ocasião dos festejos dos Santos Populares, foi convidada para interpretar o *Fado de Alcântara* na marcha do seu bairro. A sua voz, com uma frescura ágil de soprano, sobressaiu do conjunto. Amália passou a exhibir-se em festas e verbenas, levada pelo tio João Rebordão, guitarrista amador.

O ensaiador da marcha incentivou-a a apresentar-se no Concurso da Primavera, que visava escolher a Rainha do Fado entre as melhores de cada bairro. Contudo, é impedida de participar no concurso porque os pais das outras concorrentes não queriam ver as filhas misturadas com uma pessoa de condição social mais baixa e tão certos estavam da superioridade de Amália.

As suas qualidades artísticas não terão passado despercebidas a um dos assistentes do concurso que a recomendou a Santos Moreira, viola do Retiro da Severa, a mais conceituada casa de fados da Lisboa de então. Foi à audição, às escondidas da família, já que cantar fado era visto na época como «uma perdição», estando este associado ao ócio, à transgressão, ao *bas-fond*, à dissolução de costumes. E cantou: «Sou Amália Rebordão/ Uma nova cantadeira/ Por amar esta canção/ Da raiz do coração/ Sou fadista verdadeira.»

Ascensão social do fado

Associada às circunstâncias da sua origem, hino de tascas canalhas habitadas por mulheres de faca na liga e de rufiões de má espécie, era tão má a imagem do fado que Eça de Queiroz escreveria na *Gazeta de Portugal*, em 1867, o seguinte comentário: «Atenas produziu a escultura, Roma fez o direito, Paris inventou a revolução, a Alemanha achou o misticismo. Lisboa que criou? O Fado... Fatum era um Deus no Olimpo; nestes bairros é uma comédia. Tem uma orquestra de guitarras e uma iluminação de cigarros. Está mobilada com uma enxerga. A cena final é no hospital e na enxovia. O pano de fundo é uma mortalha.»

Porém, a capacidade de o fado materializar o fatalismo indissociável da mentalidade lisboeta levou à ascensão social deste «canto profundo», que deixou de estar circunscrito ao povo para se apoderar dos circuitos aristocráticos. Assim, das ruas e vielas de Lisboa, das tabernas, dos retiros

e das casas de pasto tradicionais, o fado passa a ser cantado em espaços com estatuto superior, nomeadamente nas chamadas «casas de fado», onde é apreciado por um novo público sofisticado e burguês.

Estreia profissional

Foi numa dessas casas, o Retiro da Severa, dirigida por Jorge Soriano, que Amália se estreou profissionalmente como fadista, em 1939, ano em que se iniciou a Segunda Guerra Mundial. Cantou três fados, sendo acompanhada pelo famoso Armandinho e outros guitarristas.

No ano seguinte, atuou no Solar da Alegria, como artista exclusiva com repertório próprio, e estreou-se na revista *Ora Vai Tu!*, no Teatro Maria Vitória. Mais tarde, cantaria no Café Luso e noutras casas de fado. Será igualmente convidada para atuar em casas particulares de «gente importante» da alta sociedade.

O público identificou-se com esse estranho modo de cantar. A sua voz, não estando ainda devidamente formada, era já tão *sui generis* que parecia impossível resistir-lhe: «A minha voz tinha uma maleabilidade extraordinária, era cristalina (...). Era água que corria e nunca mais parava.»

Por onde atuava, Amália fazia esgotar lotações. Os preços dos bilhetes subiam mal era anunciada. Em poucos meses atingiu uma popularidade tal que o seu *cachet* tornou-se, de longe, o maior então pago a um fadista.

Figurando inicialmente como último nome dos elencos, rapidamente se tornará cabeça de cartaz. Da crítica recebeu os mais rasgados elogios, que a considerou a «princesinha do fado encantado».

Foi no Solar da Alegria que conheceu o empresário José de Melo, que passou a ser o seu agente artístico. O empresário fará subir o seu *cachet* para quinhentos escudos por noite, quantia impensável, nunca antes recebida por um fadista: «Nessa altura, foi um escândalo ganhar tanto. O Alfredo Marceneiro ganhava trinta a cinquenta escudos por noite.» Em breve estão a pagar-lhe dois contos por atuação.

Um fenómeno de popularidade

Para além das casas de fado e dos palcos do teatro de revista, Amália foi convidada a cantar em diversas estações de rádio. A rádio, e mais tarde,

os discos e o cinema, onde os seus filmes alcançaram recordes de bilheteira, contribuirão para a sua meteórica ascensão artística pelo efeito explosivo e multiplicador junto do público. Num curto espaço de tempo, a figurinha tímida, frágil e modesta, transformar-se-á num fenómeno de popularidade, com a imprensa a noticiar todos os seus passos. À sua volta gera-se uma curiosidade sem precedentes, sendo discutida, criticada, copiada e seguida com ilimitado fervor.

Amália trazia uma nova cantiga e o público seguia-a tentando trau-tear, os outros fadistas logo a interpretariam, sendo para estes uma referência obrigatória. E a cantiga não seria mais esquecida, eternizando-se na sua voz. Cada novo disco de Amália era um acontecimento. Não houve até hoje nenhum cantor português a vender tantos discos, quer no nosso país, quer além-fronteiras.

Amália, com o seu sentido trágico da vida, tinha muito medo de desiludir os outros, de que não gostassem dela, de ser rejeitada. Porém, como um dia reconheceu: «Sempre fui à espera do pior e sempre me surpreendi com o melhor.»

Ai esta pena de mim

Amália vibrava com Greta Garbo no ecrã de cinema, bebia vinagre e punha-se nas correntes de ar, para ficar tuberculosa como a sua heroína. Pensava frequentemente em suicidar-se, para que reparassem nela, para que tivessem pena. A primeira vez que desejou morrer tinha dezoito anos. Tomou veneno para ratos e foi-se pôr à porta do Chico, um torneiro mecânico por quem se tomara de amores e que a «desenganara». Foi uma vizinha que a acudiu dando-lhe a beber azeite quente. Tratou-se do desgosto de amor mas não se verá livre de uma tendência para a depressão e súbitos ataques de tristeza. Ainda experimentou o sabor do petróleo e das cabeças de fósforos, mas quis o destino que nunca fosse bem sucedida.

Primeiro casamento

Foi no Concurso da Primavera que conheceu o guitarrista e torneiro mecânico Francisco da Cruz, por quem se apaixonou, e com quem viria a casar em 1940. O casamento, porém, não durou mais de dois anos. Farta dos maus-tratos e dos ciúmes do marido, Amália abandonou a casa dos sogros onde residia para não mais voltar.

Cá vou cantando, cantando

Com grande sucesso, em 1943, estreou-se no estrangeiro a convite do embaixador português, em Madrid, Pedro Teotónio Pereira, e, no ano seguinte, partiu em *tournee* para o Brasil, com o espetáculo concebido especialmente para si: *Numa Aldeia Portuguesa*, atuando no mais famoso casino da América do Sul, o Casino de Copacabana, no Rio de Janeiro.

Prevista para quatro semanas, a sua permanência no Brasil prolongar-se-ia por quatro meses, tal o êxito alcançado. Neste país gravaria, em 78 rotações, os seus primeiros discos, corria o ano de 1945. Foram essas gravações que levaram a sua voz por toda a parte. Afirma Vítor Pavão dos Santos: «Era já a mais famosa e discutida cantora portuguesa.»

Revista, Opereta, Teatro e Televisão

Entre 1940 e 1947, Amália participou em oito revistas – *Ora Vai Tu!*, *Espira de Toiros*, *Essa É Que É Essa*, *Boa Nova*, *Alerta Está!*, *Ó Viva da Costa*, *Estás na Lua!*, *Se Aquilo Que a Gente Sente* – e três operetas – *A Rosa Cantadeira*, *A Senhora da Atalaia* e *Mouraria* –, contracenando com atores como António Silva, Laura Alves, Costinha, Vasco Santana, Irene Isidro, Ribeirinho, Eugénio Salvador, Paulo Renato, Mirita Casimiro, Rui de Carvalho, Armando Cortez, entre outros.

Interpretaria ainda a personagem Severa no drama em quatro atos, com o mesmo nome, escrito por Júlio Dantas, que estreou em 1955, no Teatro Monumental, seguindo-se a *tournee* pelo país.

Na televisão portuguesa, estreou-se na peça de Romeu Correia, *O Céu da Minha Rua*, em 1958. Dez anos depois, entrará em *A Sapateira Prodígio*, de Federico García Lorca, e, em 1971, em *Os Deuses Estão Mortos*, uma telenovela de Lauro César Muniz, produzida pela TV Record, de São Paulo. Sempre nos papéis de protagonista.

Sobre as suas participações no teatro e na televisão, Amália comentará anos mais tarde: «Gostava de algumas pessoas do teatro, mas nunca me considerei do meio do teatro, como de nenhum outro meio», acrescentando: «Coisa de que nunca gostei foi de cantar na televisão. É demasiadamente frio.»